



O LEITOR E AS ARMADILHAS DO TEXTO NOS CONTOS:

‘O Evangelho Segundo Marcos’ de Jorge Luis Borges e ‘Via Crucis’ de Clarice Lispector¹

Marina Kione Schmidt*

RESUMO

O presente artigo consiste em desenvolver uma análise para identificar e interpretar o modelo de leitor, conferindo a ele um espaço de movimentação para que se estabeleça um diálogo entre os contos **O Evangelho segundo Marcos** de Jorge Luis Borges e **Via Crucis** de Clarice Lispector. Identificaremos aqui o processo de fragmentação e construção das armadilhas criadas pelos narradores no decorrer das tramas, acompanhando a trajetória de cada narrador e personagens, apontando os artifícios traiçoeiros, ciladas do texto em que o leitor encontra, a medida que leitor e texto interagem é promovida a cessação da assimetria entre eles, que segundo Humberto Eco, todo texto literário é aberto, pois possibilita novas visões para a realidade.

Palavras-chave: Letras. Literatura. Leitor. Conto. Umberto Eco.

1 INTRODUÇÃO

Acompanhou-se a trajetória dos narradores e foi dada a ênfase para a manipulação do leitor e o modo como ela acontece no conto, optou-se pelos teóricos e autores como José Luiz Fiorin, Nádya Battella Gotlib. No tópico sobre o leitor e as armadilhas do texto, pretendeu-se destacar como ele se comporta diante da narrativa e como o contista o enreda e o prende dentro da trama. Wolfgang Iser e Umberto Eco foram os teóricos utilizados.

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação de Dra. Adriana Lins Precioso.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo curso de Letras da UNEMAT/Sinop (2011/2012).

Os personagens foram analisados de forma a apresentar na narrativa a descoberta de suas intenções de certa forma camufladas no âmago de cada um. No decorrer de cada trajetória, suas características físicas e suas personalidades são reveladas. Marilena de Souza Chauí comenta sobre o Pensador Baruch de Espinosa.

2 A TRAJETÓRIA DOS NARRADORES

As narrativas dos contos **Via Crucis** de Clarice Lispector e **O evangelho segundo Marcos** de Jorge Luis Borges, apresentam-se por meio do narrador heterodiegético, ou seja, uma voz que narra os eventos em 3ª pessoa. Essa narração apresenta uma descrição minuciosa das personagens e do espaço. Ambos são narrados de forma objetiva e direta: “Maria das Dores saiu do consultório toda tonta”. (LISPECTOR, 1998, p.29). “O fato aconteceu na estância Los Álamos, no município de Junín, para os lados do sul, nos últimos dias do mês de março de 1928” (BORGES, 2008, p.477).

Os narradores desses contos manipulam todas as informações ao leitor, fazendo uma condução seletiva dos acontecimentos, escolhendo o que e de que forma devem ser narrados: “Maria das Dores se assustou. Mas se assustou de fato. Começou pela menstruação que não veio. Isso a surpreendeu porque ela era muito regular”. (LISPECTOR, 1998, p.29).

Nas narrativas de Clarice o sentido de epifania se perfaz em todos os níveis, a revelação é autenticamente o que se narra em seus contos e romances, revelação a partir de experiências rotineiras. Affonso Romano de Sant’Ana aponta:

Nas narrativas das obras de Clarice pode-se elencar as seguintes funções: 1. Colocação do personagem numa determinada situação. 2. Preparação de um evento ou incidente discretamente pressentido. 3. Ocorrência do incidente ou evento. 4. Desfecho em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou incidente. (BORGES, 1990, p.166).

Essas funções são perceptíveis no decorrer do conto **Via Crucis**, Maria das Dores é colocada na situação do atraso da menstruação, ela é virgem, portanto lhe é associada à trajetória da Virgem Maria, o bebê nasce trazendo o desfecho do conto, dando a oportunidade ao personagem de considerar o destino da criança se há *via crucis* ou não.

O narrador de **O Evangelho Segundo Marcos** nos deixa claro que o personagem Baltasar “Não gostava de discutir; preferia que o interlocutor tivesse a razão e não ele”. (BORGES, 2008 p.477).

Além da narrativa em 3ª pessoa, encontramos em **Via Crucis**, a constante presença do discurso direto na maior parte dele, como se o narrador estabelecesse um jogo, ora ele narra em 3ª pessoa, ora ele dá a voz aos personagens, como podemos ver no trecho abaixo:

- Então eu sou José?
- É, foi a resposta lacônica. (LISPECTOR, 1998, p.30).

No conto de Borges, o narrador só dá a palavra aos personagens pouco antes do desfecho final, usado como pretexto, pois a conversa entre eles nesse momento é como um anúncio do que está por vir, faz o leitor ler todo o conto, voltar e refletir sobre essa conversa.

- Gutre disse-lhe então:
- O que é o inferno?
- Um lugar embaixo da terra onde as almas arderão para sempre.
- E também se salvaram os que lhe cravaram os cravos?
- Sim – replicou Espinosa, cuja teologia era incerta. (BORGES, 2008, p.30).

Nos dois contos há uma manipulação por parte do narrador, essa ocorre de maneira sutil, sem que o leitor perceba. Essa manipulação acontece por meio da sedução que segundo Fiorin, “Se o manipulador leva a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado, há uma sedução”. (FIORIN, 1992, p.22). No conto de Borges, a família Gutre pode ser considerada como o sujeito que opera a transformação, que segundo Fiorin, é a mudança de um estado a outro, pois eles demonstram suas intenções no fechamento da trama. Espinosa pode ser considerado como aquele que entra em disjunção com a própria vida.

No conto **Via Crucis**, tanto o leitor quanto a personagem Maria das Dores anseiam para que sua gestação e o nascimento de seu filho sejam da mesma forma que foi com a Virgem Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo, tanto é que buscam o referente mítico da Bíblia e querem fazer igual o modelo de fé. O leitor é levado a ser cúmplice do mesmo desejo da mãe, o personagem pratica as ações para ter o resultado esperado e o leitor compartilha na expectativa, ansiedade e desejo de concretização dessas ações, vemos: “[...] mas onde encontrar um estábulo? Só se fosse para uma fazenda do interior de Minas Gerais. Então resolveu ir à fazenda da tia Mininha”. (LISPECTOR, 1998, p.31).

No conto de Borges, o leitor não consegue perceber no decorrer da trama que, a família Gutre futuramente tomaria a atitude de ver Baltasar Espinosa como se fosse a figura de Cristo, só é perceptível a intenção da família momentos antes de acontecer o desfecho, levando leitor e personagem juntos a ver a sua própria cruz no ‘firmamento’.

As manipulações do narrador acontecem de acordo com seu próprio interesse. Ele escolhe o momento certo para revelar o que e como irão acontecer os fatos, são selecionados com cuidado em cada situação e cada passo que eles dão para que, no final da narrativa, o efeito de sentido seja múltiplo em ambos os contos.

Essa manipulação do leitor dentro dos contos faz parte da proposta dos contistas que, se utilizam desses narradores manipuladores para que consigam êxtase de sentidos do leitor. Segundo Gotlib em **Teoria do conto**, “[...] os contistas agem de maneira consciente em função da intenção proposta, tudo é calculado minuciosamente.” (GOTLIB, 2006, p.27).

3 O LEITOR E AS ARMADILHAS DO TEXTO

Colocar o leitor como parte da análise estrutural da narrativa seria uma ousadia se tivéssemos no início do século XX, pois, até então este não tinha uma importância declarada para a análise literária, era previsivelmente descartado. Porém, a partir de 1975 com as teorias sobre a estética da recepção fundamentada por Jauss, não traçar esse paralelo entre obra e leitor, de acordo com esse estudioso, é negar a peça fundamental do texto.

Retratar esse jogo que o autor cria propositalmente requer uma entrega total do leitor, esse tem que se deixar cair nas armadilhas que o texto preparou.

Outros teóricos como Wolfgang Iser ainda relatam sobre esse jogo narrativo:

Os autores jogam com leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pela qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo ainda não acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que há de ser identificado que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. (ISER, 2002, p.107).

No conto de Borges, nossos sentimentos despertados correspondem aos de traição, susto e frustração, pois no decorrer da narrativa não percebemos as verdadeiras intenções da família Gutre, que é crucificar Espinosa, e somos levados para a morte assim como o personagem, mas o que nos incomoda mais é o que os sinais anunciando a morte estavam presentes dentro do texto e não os enxergamos, ou seja, somos seduzidos pelos Gutre assim como Espinosa.

Disseram-lhe que o temporal quebrara o telhado do galpão das ferramentas e que o mostrariam logo que as vigas estivessem consertadas...
Espinosa dormiu uma longa sesta, um leve sono interrompido por persistentes martelos e vagas premonições. (p.481)

O galpão estava sem teto; haviam arrancado as vigas para construir a Cruz. (BORGES, 2008, p. 482).

Em *Lispector*, sabemos desde o início que se trata de uma mãe virgem grávida assim como a Virgem Maria e somos seduzidos a percorrer junto com os personagens o caminho do nascimento da criança, o que nos intriga é depois de acompanhar o nascimento, o narrador ao finalizar argumenta: “Não se sabe se essa criança teve que passar pela *via crucis*. Todos passam”. (LISPECTOR, 1998 p.33). Aqui Clarice reescreve um ditado popular à sua maneira, aquele que diz que “Cada ser humano tem a sua própria cruz para carregar”, fazendo alusão a passagens difíceis ao longo da vida, sejam momentos rápidos ou longos.

Mesmo sabendo que Maria das Dores reviveu os passos da Virgem mãe de Jesus o qual através da *via crucis* foi crucificado, nós leitores temos a nossa curiosidade despertada para saber se a personagem Maria das Dores consegue ter êxito em suas ações e esperamos ainda que o ato (*via crucis*) não aconteça e nosso maior sentimento é de frustração porque nos deixamos levar pela sedução do autor.

O efeito de sentido desejado pelo texto só acontece quando permitimos e realmente entramos no jogo narrativo; o texto é uma máquina e deixa lacunas que só o leitor pode preencher. Podemos dizer que as lacunas são justamente esses efeitos de sentidos que só é possível com a presença do leitor.

Por enquanto, só quero dizer que qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude e ele pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal (como já escrevi), todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça parte do seu trabalho. (ECO, 1994, p.9).

Para Eco, existem dois tipos de leitores: o modelo e o empírico, o primeiro trata-se do espectador desejado pelo autor de uma obra, por exemplo, ao escrever uma comédia o autor espera que seus leitores se divirtam com sua obra: “[...] esse tipo de espectador (ou leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo, uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar.” (ECO, 1994, p. 15).

O segundo por sua vez somos nós leitores reais, citando o mesmo exemplo acima, se lermos uma comédia em um estado de muita tristeza não nos divertiremos com as circunstâncias engraçadas apresentadas: “[...] os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas paixões [...]” (ECO, 1994, p.14).

Cabe ao próprio leitor escolher qual dos dois leitores ele deseja ser, o modelo ou o empírico, escolhendo então que caminho seguir dentro do jogo da ficção. A narrativa se transforma em um grande jogo, onde leitor e autor dão as regras, porém, essas regras se estabelecem de acordo com a escolha inicial do leitor, ou seja, que tipo de leitor esse deseja ser. O leitor-modelo aceita todas as regras impostas pelo autor e se deixa levar pelo labirinto a fim de explorar todos os sentidos propostos pelo texto.

Diante dessas observações sobre leitor-modelo e empírico, podemos dizer que os efeitos de sentido desenhados por Borges e Lispector só serão possíveis de serem captados se nos comportarmos como um leitor-modelo, mesmo que o efeito produzido pelos dois contos não fique restrito a uma só leitura.

4 CONSTRUINDO OS PERSONAGENS

No conto de Clarice encontramos três personagens Maria das Dores e José que são casados, e a tia Mininha. As descrições externas dos personagens, o narrador vai descrevendo aos poucos ao passar do tempo, “Ia à igreja todos os dias e, mesmo barriguda...” “E assim foi passando o tempo. Maria das Dores engordara brutalmente e tinha desejos estranhos” (LISPECTOR, 1998, p.31); a caracterização comum que o narrador faz da personagem é de uma mulher grávida, mas ela não era uma mulher comum, ela tinha uma missão, como diz o narrador: “Filho divino. Ela fora escolhida por Deus para dar ao mundo o novo Messias.” (LISPECTOR, 1998, p.30), a responsabilidade que cai sobre essa mulher fica evidente, não somente sobre ela, mas também sobre seu marido, José.

Em casa encontrou o marido lendo jornal e de chinelos. Contou-lhe o que acontecia. O homem se assustou:

- Então eu sou São José?
- É, foi a resposta lacônica.
Caíram ambos em grande meditação (LISPECTOR, 1998, p.30).

A descrição da personagem José nos mostra um homem simples e humilde, “[...] às vezes ela chamava São José para pôr a mão na sua barriga e sentir o filho vivendo com força. São José então ficava com os olhos molhados de lágrimas.” (LISPECTOR, 1998, p. 30). É perceptível que o narrador se refere ao personagem como ‘o homem’ antes de sua esposa contar-lhe o que acontecia, e depois ele nos é apresentado como ‘São José’, a esse personagem é atribuído um grau de significância, ele deixa de ser um homem comum para viver como um ‘santo’.

Com o passar dos meses, José, vai apresentando características físicas muito parecidas com as do Santo São José, pai de Jesus Cristo, “São José deixara crescer a barba grisalha e os longos cabelos chegava-lhe aos ombros” (LISPECTOR, 1998, p.31). Ele estava sempre do lado da mulher ambos viviam todo tempo juntos, “[...] de noite acendiam a lareira e ficavam sentados ali a se esquentarem. São José arranjara pra si um cajado.” (LISPECTOR, 1998, p.32). Conforme cita Sant’Anna sobre a sincronia entre os casais dos textos de Lispector: “Casais. Construídos numa relação medial entre Eu e Outro, os casais se espelham em si mesmos na busca de identidade e identificação”. (1990, p.176)

No conto de Borges, o personagem principal da narrativa, Baltasar Espinosa apresenta características semelhantes a Jesus Cristo. Trata-se de um personagem bondoso, de 33 anos assim como Cristo quando foi crucificado, tinha barba, gostava dos animais,

[...] sem outros traços dignos de nota que essa faculdade oratória que o fizera merecer mais de um prêmio no colégio de Ramos Mejía, além de uma quase ilimitada bondade [...] aos trinta e três anos precisava concluir uma matéria para graduar-se. [...] Com o tempo, chegaria a distinguir os pássaros pelo canto. (BORGES, 2008, p.477-478).

É importante lembrar que Baltasar Espinosa assemelha-se em suas atitudes ao filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677), assim com Jesus foi rejeitado, apedrejado, humilhado pelo povo e por pessoas da Lei em sua época, Baruch de Espinosa sofreu a excomunhão, a maldição e expulsão. Segundo o texto de excomunhão de Espinosa, promulgada pela comunidade judaica de Amsterdam a 27 de julho de 1656, citada na obra de Marilena de Souza Chauí:

Pela decisão dos anjos e julgamentos dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Espinosa...Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se levanta; maldito seja quando sai, maldito seja quando regressa. Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele. (1997, p. 5).

Chauí nos revela sobre esse Pensador: “Morreu em Haia porque participou da vida política e cultural dos Países Baixos.” (CHAUÍ, 1997, p. 6). Espinosa era marrano e seu destino foi determinado pelo fato de que sua nação, com sua religião, não foi para ele propriamente uma realidade, mas sobretudo um problema. Assim, percebemos o entrelaçamento realizado por Borges entre o discurso ficcional e o discurso histórico por meio da alusão ao nome e as situações semelhantes vivenciados por um pensador e filósofo reconhecido no meio acadêmico.

A família Gutre era composta pelo pai, o filho “tosco” e uma filha de “paternidade incerta” como nos informa o narrador, fisicamente eles eram, “[...] altos, fortes, ossudos, com cabelo tendendo para o avermelhado e com feições de índio. Quase não falavam.” (BORGES, 2008, p.478). Eram analfabetos, “Careciam de fé, mas em seu sangue perduravam, como rastos obscuros, o duro fanatismo do calvinista e as superstições dos pampas.” (BORGES, 2008, p.480).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O narrador não nos mostra muito da personalidade dos personagens, o que sabemos é que eles mudam seu comportamento após relacionarem suas vidas com as dos personagens bíblicos, no conto de Lispector, a mudança se dá pela gravidez de Maria das Dores, e no conto de Borges ocorre pelo fato de que os Gutre usam Espinosa para lhes salvarem do pecado.

As armadilhas do texto giram em torno de um objetivo: produzir sentido. Para isso, escolhem-se todos os detalhes com cautela, a própria escolha do gênero justifica a busca pelo efeito de sentido, pois, o conto deve ser rápido e infalível, ou seja, inesquecível, conceito que é compartilhado tanto pelo Borges quanto por Lispector.

THE WRITER AND THE TEXT'S TRAPS BY JORGE LUIS BORGES IN TALE 'THE GOSPEL SECOND MARCOS'

ABSTRACT²

This research aim to identify and interpret the reader model in the story **The Gospel according to Mark** by Jorge Luis Borges and traps that are created by the narrator in the route of the plot, following the trajectory of the narrator and characters, pointing the text's traps that the reader encounters.

Keywords: Languages. Literature. Tale. Umberto Eco.

REFERÊNCIAS

² Transcrição realizada pela cursista Marina Kione Schmidt e revisão pela aluna Débora Wanessa Eskelsen de Sunti, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

BORGES, Jorge Luis. **O Evangelho segundo Marcos**. In: O Informe de Brodie. Tradução Davi Arriguci Junior. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Os Pensadores: Baruch de Espinosa - vida e obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do Corpo: Conto Via Crucis**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

OLMOS, Ana Celília. **Por que ler Borges**. São Paulo: Globo, 2008. (Coleção por que ler/ coordenador Rinaldo Gama)

PINTO, Manuel da Costa. Informe de Borges: Borges os labirintos da escrita. **Revista Cultura**, São Paulo: Lemos Editorial, n.25, 1999.

SCHWARTZ, JORGE (Org.). **Borges no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.